

ANA DINGER E FERNANDA EUGENIO

METÁLOGO #3 - OS MODOS DA SUPERFÍCIE.

Fernanda Eugenio (1978, Brasil) é antropóloga, artista, investigadora e educadora. Trabalha com modos de fazer transversais para a com-posição relacional, o cuidado-curadoria e a criação por re-materialização - nomeadamente o Modo Operativo AND, metodologia de cunho ético-estético-político, que criou e vem desdobrando desde os anos 2000, dedicada à prática co(m)passionada da presença, à sintonização com a experiência sensível da inseparabilidade e à pesquisa dos processos de emergência. Dirige, desde 2011, o AND_Lab | Arte-Pensamento e Políticas da Convivência, uma estrutura artesanal de investigação artística que atua no cruzamento entre as artes, o pensamento crítico, as práticas político-afetivas encarnadas e as pedagogias radicais.

Ana Dinger (1979, Portugal) é artista e investigadora, trabalhando e escrevendo entre e em torno das artes performativas e visuais. Acumula formação em dança, licenciatura em Escultura (FBAUL) e pós-graduação em Arte Contemporânea (FCH-UCP). Bolseira da FCT (2012-2016), é doutoranda em Estudos de Cultura (CECC-UCP). Aborda, na tese, o desdobramento de trabalhos artísticos performativos além da sua situação inaugural, (re)articulando conceitos como spectralidade, hospitalidade, arquivo e comunidade. Tem colaborado com diversos projectos e plataformas de reflexão crítica e investigação e prática artísticas, entre os quais destaca o AND_Lab | Arte-Pensamento e Políticas da Convivência (2015-2019) e “Para Uma Timeline a Haver: genealogias da dança como prática artística em Portugal” (2019-2020).

O metálogo trabalha na superfície do encontro. Como qualquer conversa, é irrepetível e ingovernável: a repetição implica diferença; a direcção envolve brecha. Diferentemente da habitual conversa entre 2 – o diálogo - ou entre (a multiplicidade de) 1 – o monólogo -, o metálogo não procura o consenso, não assenta em predisposições e não se pauta pela afirmação autoral. Como propôs Gregory Bateson, que cunhou o termo, o metálogo instala-se, propositadamente, numa questão problemática.

A série *Metálogos*, iniciada por Ana Dinger e Fernanda Eugenio em 2015, é uma colecção de conversas-performance situadas, experimentando com o público diferentes gradações da participação. A questão a ser manuseada é oferecida pelo evento anfitrião.

Preparam-se, sobretudo, as condições do encontro. Ensaia-se sem pré-definir, mapeando as viziñanças do problema e propondo ferramentas, materiais, formatos e interfaces. Assume-se o compromisso de tentar que o processo da conversa materialize aquilo que está a ser conversado. Através da materialidade das palavras, activam-se os conceitos, sobretudo enquanto operações e não enquanto nomes, significantes ou categorias. O esforço é o de apresentação e não de representação, ou seja, da superação, através do uso, das tensões estrutura/matéria e forma/conteúdo. Fazer com conceitos. Se possível, fazer os próprios conceitos. Afina-se um modo operativo perspectivista, que funciona mais por posição-com do que por composição. O problema acontece, isto é, ganha corpo, através do receber e retribuir de cada tomada

de posição recíproca. A paisagem do problema é percorrida até que uma questão inaugural se reformule, numa outra ou mais questões, por desdobramento.

Compondo-se em acto e descobrindo os seus percursos, meios e tons no próprio fazer, o metálogo habita diferentes territórios, a cada vez. Repete-se o procedimento, difere a instanciação. Desta feita, o problema é a superfície na sua relação com o corpo, que é como quem diz, o corpo da superfície (e as suas possibilidades de esgotamento e reabilitação). Noutras materializações de metálogos surgiram objetos tão singulares e distintos como uma batalha de slides; um artigo escrito ao vivo; um jogo de baralho; um mecanismo-convite à realização de tarefas numa praça; ou uma conversa transtemporal com fantasmas e outras presenças. Neste caso, calhou acontecer uma palestra sem fala.

Este metálogo trabalha (n)a superfície. O encontro é um risco.

Nota

Edições da série *Metálogo* até à data: *Metálogo #1* - os modos da situação (Atenas, Setembro de 2015); *Metálogo #2* - artista etnógrafa & etnógrafa artista (Lisboa, Novembro de 2015); *Metálogo #3* - os modos da superfície (Porto, Abril de 2016); *Metálogo #4* - histórias & geografias da performance (Lisboa, Julho de 2016); *Metálogo #5* - os modos do público (Curitiba, Novembro de 2017); *Metálogo #6* - entre o passado e o futuro (Porto, Lisboa e versão postal, Dezembro de 2019).













